

### Conclusão

As relações intersubjectivas, entendidas como relação dialógica entre as pessoas e com a comunidade, são o lugar onde a graça e a caridade hão-de acontecer como experiencial existencial fundamental. Assim, podemos concluir:

1. A teologia bíblica define o encontro e a relação entre Deus e o homem exactamente como encontro de graça, em que Deus se dá e o homem acolhe-O e se torna agraciado. Esta condição transparece depois na relação com os outros, respeitando a sua alteridade e liberdade e edificando a comunhão.

2. A experiência existencial fundamental da autoconsciência e da liberdade são o lugar ontológico onde o homem é chamado a dar sentido à vida, a fazer a graça ou a des-graça do amor. As relações intersubjectivas são uma experiência nova, onde a exigência do respeito-amor e a comunhão se efectivam como valor.

3. A graça e a caridade fazem acontecer a gratuidade do imprevisível, da criatividade, do encontro, da *co-existência* activa na fraternidade e na solidariedade. Esta gratuidade amorosa acontece nas relações entre as pessoas e entre a pessoa e a comunidade e há-de manifestar-se aqui como fé, esperança e amor e como anúncio e denúncia.

Estas conclusões sublinham um dado, a nosso ver, importante: a graça, enquanto autocomunicação de Deus que gera e suscita o amor-caridade não acontece nem é gerada fora do contexto vital da pessoa nem sequer é uma autoadoção para se guardar no sacrário da intimidade. É um dom que se dá para repartir-se e repercutir-se nas relações intersubjectivas, sem excluir qualquer área do humano. A graça e a caridade são para o homem todo na complexidade da sua existência.

Algumas perspectivas mereceriam um estudo mais profundo e pormenorizado: a questão das antropologias redutoras da liberdade e, por conseguinte, das relações intersubjectivas, a que poderíamos juntar ainda algumas antropologias de cariz ateuista e materialista; a questão de saber o que se revela de Deus e do homem na experiência da graça; o tema da participação da natureza divina como plenitude da personalização; a teologia da pessoa, etc., etc.

Este é, da nossa parte, um estudo a fazer-se e a carecer de aperturas mais profundas. Fica todavia a convicção de um novo sentido a cultivar nas relações intersubjectivas. Para que se manifeste a graça. Para que aconteça a caridade.

JOÃO RIBEIRO

## De sacramento maldito a sacramento dos doentes

Foram os dois meus companheiros «no caminho» (Act 24, 22).

O primeiro, quando se soube que tinha um tumor cerebral, já estava em coma. Ainda o vi no hospital, dependurado em tubos e frascos, a vida presa por um fio. E nunca mais esquecerei aquele princípio de noite, a enfermaria imensa e anónima mergulhada em esforço e barulho, em que, quase *furtivamente*, acompanhado apenas pelo capelão do hospital, ungi o Chico, como ele teria pedido que fizesse se tem havido tempo e ele capacidade. Morreu logo de seguida.

O outro foi bem diferente. «Numa altura em que a evolução da doença ainda me permite uma participação em pleno», como escreveu, o Gaspar quis receber o sacramento da Unção dos Doentes na celebração dominical que reuniu uma pequena multidão, irmãos na fé e companheiros de trabalho e de outras lutas, e que terá sido das mais verdadeiras e fundas a que eu presidi e em que ele mesmo fez a homilia. Emoção a rodos, que foi também uma grande expressão de fé: «O Senhor é meu Pastor, nada me falta! Leva-me a descansar em verdes prados, conduz-me às águas refrescantes!», cantou toda uma assembleia, em verdadeira dor mas reconfortada pela fé. Morreria poucos meses depois.

Sacramento maldito - por isso Extrema-Unção ou Unção extrema - ou «sacramento específico da enfermidade»?

Parece-me muito lúcida a afirmação de que «ninguém vive uma doença independentemente dos quadros sócio-culturais em que vive»<sup>1</sup>. No tempo em que as defesas sanitárias, os medicamentos e os cuidados hos-

<sup>1</sup> BOROBIO, D. - *Unción de los Enfermos*. In *LA CELEBRACIÓN de la Iglesia - vol. 2: Sacramentos*, Salamanca: Sigueme, 1988, p. 656.

pitalares eram poucos e incipientes, tinha-se consciência de que uma doença grave conduzia na maior parte dos casos à morte<sup>2</sup>. Foi neste quadro, e por isso, que a Unção dos Doentes se tornou uma «Extrema-unção», ao que a Teologia e a Pastoral ajudaram, movimentando-se ambas em quadros sociais, teológicos e eclesiais determinados.

Por isso, este sinal da Graça se tornou «Sacramento maldito». E, hoje ainda, como ontem, retarda-se em muitos casos o momento da sua celebração, não apenas na esperança, muitas vezes infundada, de que o doente venha a recuperar a saúde, mas ainda no intuito de lhe esconder que é chegado o seu fim. O sacramento da Unção só tem lugar, na maior parte dos casos, quando o médico não tem mais nada a fazer, e o doente perdeu já, na maior parte das vezes, a consciência, quando não está mesmo em coma, e num hospital.

Como entender e celebrar hoje o sacramento da Unção dos Doentes: como o último da vida terrena, «sacramentum exeuntium» portanto, ou, recolhendo o melhor da Tradição, como «unctio infirmorum»?

É o que se pretende estudar, de Trento ao Vaticano II, passando depois aos catecismos pós-conciliares e daí ao Catecismo da Igreja Católica de 1992.

## DO CONCÍLIO DE TRENTO AO VATICANO II

### 1. Concílio de Trento

Tendo em conta a teologia escolástica e o contexto da reforma protestante, o Concílio de Trento teve sobretudo uma perspectiva doutrinal em quanto reflectiu sobre este Sacramento. Recolheu o melhor da teologia escolástica e pôs todo o seu cuidado em demonstrar a sacramentalidade da Unção e a sua instituição por Jesus, condenando, no contexto da luta luterana, os que afirmam que «esta unção é ou um invento humano ou um rito aceite pelos Padres que não tem nem o mandato de Deus nem a promessa da sua graça»<sup>3</sup>.

A «Extrema-unção» é o Sacramento final da vida do Homem, dizia o Tridentino, o «consumativo não só da penitência, mas também de toda

a vida cristã que deve ser uma perpétua penitência», e um «salutar remédio contra os ataques de todos os seus inimigos». Mas é, especificamente, «uma firmíssima fortaleza», pois que o nosso adversário, ao ver que está iminente o termo da vida, «intensifica toda a força da sua astúcia para perder-nos em absoluto, e afastar-nos, se for disso capaz, da confiança na misericórdia divina... [quando] está iminente o termo da vida»<sup>4</sup>.

Por isso, mais do que da «Unção dos Enfermos» (Unctio infirmorum)<sup>5</sup>, Trento falou do «Sacramento dos Moribundos»<sup>6</sup>, da «Extrema-Unção» (extrema unctio)<sup>7</sup> e do «sacramentum exeuntium»<sup>8</sup>.

De facto, ele aplicar-se-ia principalmente aos que estão em perigo de vida - «os que se encontrem em tão perigoso estado que pareçam haver chegado ao termo da vida» - e podia repetir-se «ao encontrar-se de novo [o doente] em situação de perigo de vida». De qualquer modo, no fundo, Trento sabe que o sacramento está em relação directa com a doença e não com a morte: por isso ainda, «pecam todavia gravissimamente os que retardam a extrema-unção aos enfermos, a ponto de só lha administrarem quando, perdida toda a esperança de cura, eles começam já a perder a vida e os sentidos»<sup>9</sup>. Por isso ainda, concretizaria o Catecismo de Pio V, ele não deve ser administrado aos condenados à pena de morte<sup>10</sup>.

Os Ministros do Sacramento são «os bispos e os sacerdotes legitimamente ordenados». E precisa o CP, no contexto do jurídico que tanta importância tinha ao tempo, «não a qualquer sacerdote (*está confiada a administração deste sacramento*), mas somente, segundo o decreto da Igreja, ao pastor próprio, que tem jurisdição sobre o enfermo, ou a qualquer outro por comissão dele»<sup>11</sup>.

Os efeitos do Sacramento são: o perdão dos pecados<sup>12</sup> e a eliminação dos seus efeitos<sup>13</sup>, a graça do Espírito Santo, o alívio e conforto do

<sup>4</sup> *Ibid.*, 1694.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 1695, 1698, 1717 e 1719.

<sup>6</sup> Assim traduz a versão espanhola de Denzinger (D 910) - *El Magisterio de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1963 - a expressão «sacramentum exeuntium» de Trento (DS 1698).

<sup>7</sup> DS, 1694, 1699, 1700, 1716, 1718 e 1719.

<sup>8</sup> *Ibid.*, 1698.

<sup>9</sup> CP II, VI, 9, p. 362.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 362.

<sup>11</sup> CP II, VI, 13, p. 364.

<sup>12</sup> «Se o doente estiver em pecado, ele ser-lhe-á perdoado», dizia Trento citando Tg 5, 15. E acrescentava: «Porque esta realidade é a graça do Espírito Santo, cuja acção limpa as culpas, se alguma restar por expiar, e as relíquias do pecado» (DS, 1696). Por sua vez, o CP (II, VI, 14, p. 365) explicitava que se tratava dos pecados veniais: «A extrema unção não foi instituída para remitir directamente os pecados mortais; isso só pertence por virtude própria ao baptismo e à penitência».

<sup>2</sup> E quando assim não acontecia, pelo perigo a que expunha o enfermo, a doença era uma experiência vital, de profundas e marcantes ressonâncias espirituais, familiares e mesmo sociais. Era e continua a ser, apesar de hoje em dia a técnica médica poder alimentar hipóteses por muito tempo renovadas de sobrevivência.

<sup>3</sup> DS, 1716 (Ver lista de siglas no final do texto).

ânimo do doente, o despertar da confiança na misericórdia divina em ordem a que o doente suporte melhor os incómodos e sofrimentos da enfermidade, uma melhor resistência às tentações com que o demónio assalta o doente<sup>14</sup>, e uma melhor preparação de quem o recebe para enfrentar o momento da morte<sup>15</sup>. Mas o doente pode também obter, por vezes, a saúde do corpo, se isso for conveniente para a salvação da alma<sup>16</sup>.

O Concílio, entretanto, nada disse sobre a sua celebração comunitária, vendo-o apenas como um sacramento interessando o sujeito.

## 2. Concílio Vaticano II

De Trento ao Vaticano II foi um longo percurso: se, por um lado, o Sacramento se tornou quase só uma «Extrema-unção», com o tempo iniciando-se um longo caminho de reencontro com o verdadeiro significado da Unção dos Enfermos.

Nesta conformidade, e fazendo jus à sua pretensão de ser um Concílio Pastoral, o Vaticano II haveria de sugerir que, em vez de «Extrema-unção», este Sacramento se chamasse «Unção dos Doentes»<sup>17</sup>, afirmando que ele «não é sacramento só dos que estão no fim da vida. É já certamente tempo para o receber quando o fiel começa, por doença ou por velhice, a estar em perigo de morte»<sup>18</sup>.

Assim, o Concílio mandou rever o rito da Unção dos Doentes, ordenando: para «além dos ritos distintos da Unção dos enfermos e do Viático, componha-se um 'rito contínuo' em que a Unção se administre ao

<sup>13</sup> «O segundo fruto da sagrada unção é curar a alma do langor e da fraqueza que contraíra por seus pecados, e purificá-la de todas as relíquias de culpa» (CP, II, VI, 14, p. 365).

<sup>14</sup> DS, 1696.

<sup>15</sup> «Outro motivo de angústia será o pressentimento, a expectativa de comparecer em breve no Tribunal de Deus, que há-de sentenciar com justiça infinita segundo os merecimentos de cada um. Sob a pressão de tais abalos, muitas vezes os enfermos se contorcem visivelmente, em horríveis convulsões. Ora, o meio mais fácil para conseguir uma morte tranquila é afugentar a tristeza e esperar com alegria a vinda do Senhor, na disposição de lhe restituir, de boa vontade e a qualquer hora, o depósito que Ele exige. A extrema-unção livra os enfermos desta inquietação e enche-lhes os corações de santa alegria» (CP II, VI, 14, p. 365).

<sup>16</sup> «O último efeito da extrema-unção é restabelecer a saúde do corpo, se isso convier ao enfermo. Se tal fruto raras vezes se dá nos nossos tempos, deve crer-se que não é por defeito do sacramento, mas por falta de fé, tanto que nos que o recebem como nos que o administram» (CP II, VI, 16, 366). E porque nem sempre se obtém a saúde do corpo, a fórmula do sacramento - dizia o CP - não é imperativa mas deprecatória (II, VI, 7, p. 360).

<sup>17</sup> «A Extrema unção, que também pode, e melhor, ser chamada Unção dos Enfermos...» (SC, 73).

<sup>18</sup> SC, 73.

doente depois da Confissão e antes da recepção do Viático»<sup>19</sup>. Assim se distanciava de Trento que o havia chamado o sacramento «consumativo de toda a vida cristã».

Admitia ainda a «communicatio in sacris»: é permitido administrar o sacramento aos Orientais «que de boa fé se encontram separados da Igreja católica» ou pedi-lo a ministros acatólicos em cuja Igreja haja sacramentos válidos<sup>20</sup>. O Código do Direito Canónico<sup>21</sup> reafirma esta possibilidade quanto à Unção dos Doentes, estendendo-a à Penitência e à Eucaristia. Mas o CIC não a menciona.

## 3. Preliminares do Ritual da «Unção e Pastoral dos Doentes»<sup>22</sup>, de 1972

Dando execução à recomendação conciliar, publicou-se em 1972 o novo Ritual da Unção dos Doentes, que era antecedido dos costumados *Praenotanda*, de que se destacam algumas afirmações.

«O homem gravemente doente ... necessita de uma peculiar graça de Deus para que não perca o ânimo na aflição, nem, pela força das tentações, venha a fraquejar na fé. (...) Este sacramento confere ao doente a graça do Espírito Santo, pela qual todo o homem é ajudado em ordem à salvação, confirmado na confiança em Deus e fortalecido contra as tentações do inimigo e a ansiedade da morte»<sup>23</sup>. «Instruam-se [*portanto*] os fiéis para que eles próprios peçam a Unção ..., e para que deixem o mau costume de a irem adiando»<sup>24</sup>.

São sujeitos do sacramento os gravemente doentes<sup>25</sup>, embora ele possa celebrar-se de novo, no decurso de uma mesma doença, se o estado do doente se tornar mais grave ainda<sup>26</sup>, no decurso de qualquer outra doença grave<sup>27</sup>, ou mesmo «antes de uma grave intervenção cirúrgica»<sup>28</sup>; «pode igualmente administrar-se às pessoas idosas cujas forças estejam já mui-

<sup>19</sup> *Ibid.*, 74.

<sup>20</sup> IGREJA CATÓLICA. II Concílio Ecuménico do Vaticano, 1962-1965 - Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, 27.

<sup>21</sup> c. 844, §§ 2/4.

<sup>22</sup> Deste Ritual há, em Portugal, duas edições: uma de 1975, e outra, revista, de 1994.

<sup>23</sup> PRUPD, nº 5-6.

<sup>24</sup> *Ibid.*, nº 13.

<sup>25</sup> *Ibid.*, nº 8.

<sup>26</sup> *Ibid.*, nº 9.

<sup>27</sup> *Ibid.*, nº 9.

<sup>28</sup> *Ibid.*, nº 10.

to debilitadas, embora não sofram de doença grave»<sup>29</sup>, ou «também dar-se às crianças suficientemente dotadas do uso da razão»<sup>30</sup>; pode finalmente administrar-se a santa unção «aos enfermos que tiverem perdido os sentidos ou o uso da razão ... se se julgar com probabilidade que a teriam pedido, se estivessem no uso das faculdades»<sup>31</sup>, ou ainda administrar-se condicionalmente «quando se duvida se o enfermo já está realmente morto»<sup>32</sup>.

«O ministro próprio da Unção dos Doentes é apenas o sacerdote. Exercem de modo ordinário o serviço deste ministério os bispos, os párocos e os vigários paroquiais, os capelães dos hospitais, e os superiores das comunidades religiosas clericais»<sup>33</sup>. Mas, «por motivo razoável, qualquer sacerdote pode administrar este sacramento...»<sup>34</sup>.

O rito sacramental apresentou algumas novidades neste Ritual: a fórmula tinha sido revista, recuperando as palavras de Tiago, para que se exprimissem de forma mais clara os efeitos do Sacramento; o óleo a utilizar deixou de ser necessariamente o azeite, porque «em certas regiões não existe ou é difícil de obter»<sup>35</sup>, podendo utilizar-se outro qualquer óleo vegetal; o número de unções foi também simplificado. O CP apontava sete, tantas quantas as «partes do corpo que são instrumentos naturais dos sentidos»<sup>36</sup> (olhos, orelhas, narinas, boca, mãos, pés e rins<sup>37</sup>), mas o Ritual de 1972 apenas duas (na fronte e nas mãos ou noutra parte do corpo mais indicada) ou mesmo só uma<sup>38</sup>.

<sup>29</sup> *Ibid.*, nº 11.

<sup>30</sup> *Ibid.*, nº 12.

<sup>31</sup> *Ibid.*, nº 14.

<sup>32</sup> *Ibid.*, nº 15.

<sup>33</sup> *Ibid.*, nº 16.

<sup>34</sup> *Ibid.*, nº 18.

<sup>35</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) - Constituição Apostólica *Sacram Unctionem Infirmorum*, publicada no RUPD. No seguimento de Trento, havia sido recomendado: «O elemento ou matéria deste sacramento é ... azeite e não qualquer azeite ou matéria oleosa, mas somente azeite de oliveira» (CP II, VI, 5, p. 359).

<sup>36</sup> À pergunta «se por se fazerem muitas unções haverá na Extrema-unção muitos Sacramentos», o CP responde que não, «é um só o sacramento, não no sentido de que as partes que o compõem não possam ser divididas, mas porque essas partes perfazem um só todo» (II, VI, 4, p. 359).

<sup>37</sup> «Faz-se a unção nos rins (só nos homens e nem sempre) por serem o centro da concupiscência e das paixões» (CP II, VI, 10, p. 363). Já o Concílio de Florença (1324) dera esta explicação, embora aqui não seja citado: «in renibus propter delectationem ibidem vigentem» (DS, 1324).

<sup>38</sup> «Em caso de necessidade, basta fazer uma única unção na fronte, ou, segundo as circunstâncias do doente, noutra parte mais apta do corpo» (PRUPD, 23).

Contrariamente ao que indicava pastoralmente Trento<sup>39</sup>, «para mais facilmente se atender a casos particulares, nos quais, por doença repentina ou outra causa, o doente se encontra imprevistamente em perigo próximo de vida, prevê-se um 'rito contínuo' para administrar ao doente os sacramentos da Penitência, Unção e Eucaristia a modo de Viático»<sup>40</sup>. Este último seria, portanto, o sacramento «consumativo». Logo a seguir, no entanto, numa indicação no mínimo confusa, dá-se o dito por não dito: «se não houver tempo, ... primeiramente a Reconciliação, ... depois o Viático, ... finalmente a Santa Unção, se ainda houver tempo». E ainda: «Se, por causa da doença, o enfermo não puder receber a Sagrada Comunhão, dê-se-lhe a Santa Unção»<sup>41</sup>.

Não será casuística a mais? Poderá admitir-se a hipótese de, «sobrevindo perigo eminente de morte», pensar em celebrar a Penitência e o Viático, e só depois a Santa Unção, «se ainda houver tempo»? E se não houver? Haverá de resto, num caso destes, da parte do moribundo, capacidade para a Penitência e para o Viático?

Fico mesmo convencido que propor este «rito contínuo» é não perceber que, na maior parte dos casos, hoje em dia, não se morre como ontem: então, a morte anunciava-se e decorria normalmente, digamos, com tempo para tudo, até para chamar o pároco; hoje, o doente vai para o hospital e por lá acaba entre enfermarias e corredores, esgotado o organismo por vidas em princípio mais longas ou sustida a própria vida biológica por técnicas ontem desconhecidas, 'sem tempo' para outros cuidados.

Os Preliminares do Ritual<sup>42</sup> aludem ainda genericamente à Pastoral dos Doentes<sup>43</sup>, apelando a que «todos os baptizados participem neste ministério da caridade mútua»<sup>44</sup>, cabendo «papel especial aos familiares dos doentes»<sup>45</sup> e aos «sacerdotes, principalmente os párocos»<sup>46</sup>. De igual modo se recomenda que se atenda aos «elementos tirados das tradições e da maneira de ser de cada povo»<sup>47</sup>, que se conservem certos elementos já exis-

<sup>39</sup> «É necessário observar o costume que a Igreja Católica sempre tem inculcado, de administrar a penitência e a Eucaristia antes da Extrema-unção» (CP II, VI, 12, p. 363).

<sup>40</sup> PRUPD, 30.

<sup>41</sup> *Ibid.*, 30.

<sup>42</sup> *Ibid.*, 32 a 41.

<sup>43</sup> Repare-se, de resto, que ele se chama «da unção e da pastoral dos doentes».

<sup>44</sup> PRUPD, 33.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 34.

<sup>46</sup> *Ibid.*, 35.

<sup>47</sup> *Ibid.*, 38.b.

tentes nos Rituais particulares<sup>48</sup>, e que «o ministro, tendo presentes as circunstâncias e outras necessidades e desejos dos doentes e restantes fiéis, pode usar livremente de certas faculdades propostas no rito»<sup>49</sup>, depois explicadas.

## DEPOIS DO VATICANO II

Depois do Vaticano II e do Ritual de 1972, os diversos Catecismos nacionais que foram sendo publicados aumentaram e aprofundaram o caminho traçado, salientando cada um à sua maneira, sobretudo as dimensões antropológicas e escatológicas do sacramento, e definindo-lhe, mais ou menos bem, a sua dimensão e realização pastoral.

### 1. Catecismo holandês, publicado em 1968

Anterior ao Ritual de 1972 e por isso fiel ainda ao antigo<sup>50</sup>, o CH situa bem o «sacramento dos doentes» no contexto da velhice<sup>51</sup> e da doença<sup>52</sup>, afirmando explicitamente que se trata de um verdadeiro sacramento dos doentes pelo que reafirma a impossibilidade de ele se administrar a um condenado à morte.

«Os membros da família deverão, na medida do possível, acompanhar o doente nesta ocasião»<sup>53</sup>, afirmando assim a importância da sua presença ao doente, bem como a necessidade de uma «comunidade» na celebração do sacramento.

Uma outra afirmação importante, na linha do que o Vaticano II estabeleceria, é a de que, «como acontece nos outros sacramentos, a unção dos doentes está orientada para a recepção da Eucaristia; ela é, pois, seguida da comunhão do doente»<sup>54</sup>.

<sup>48</sup> *Ibid.*, 38.c.

<sup>49</sup> *Ibid.*, 40.

<sup>50</sup> No que, por exemplo, diz respeito às seis unções, excluída entretanto a dos rins, é admitida a hipótese de «em caso de necessidade, somente na frente» (CH, p. 592).

<sup>51</sup> «O declínio da vida» e «tempo de um certo amadurecimento» (CH, p. 590).

<sup>52</sup> A doença «pode significar para alguns uma nova visão das coisas e das pessoas, uma nova atitude para com Deus» (CH, p. 591).

<sup>53</sup> CH, p. 592.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 593.

## 2. Orientaciones doctrinales y pastorales del Episcopado español (1974)

Estas *orientaciones* - publicadas na edição espanhola do Ritual de 1972, a seguir aos *Prænotanda* ou *Preliminares* - constituem um bom documento pastoral de que é preciso destacar algumas afirmações

«O Ritual coloca-se não tanto num contexto de morte mas numa perspectiva de vida»<sup>55</sup>, reconhecem os Bispos espanhóis.

Se bem que «especialmente delicadas», a velhice e o 'mistério da doença' são duas realidades distintas<sup>56</sup>, e ambas têm aspectos «somáticos, psicológicos, sociais e religiosos» que se entrecruzam<sup>57</sup>. Por isso, «haverá que ter em conta a distinta situação de um idoso, de um doente a curto ou longo prazo, dos doentes crónicos ou dos que se preparam para uma intervenção cirúrgica»<sup>58</sup>.

De qualquer modo, em toda a doença há um «doloroso itinerário que percorre o enfermo»<sup>59</sup>; e este é um «homem inteiro, 'corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade'»<sup>60</sup>. A doença é mesmo o «momento crítico da vida humana»<sup>61</sup>.

A Unção dos Doentes é «o sacramento específico da enfermidade e não da morte»<sup>62</sup>, como se vê pelas próprias orações do Ritual, todas elas «orientadas, conforme a mais genuína Tradição, para a saúde e restabelecimento do doente»<sup>63</sup>.

No entanto, porque «a realidade ultrapassa muitas vezes as previsões e desbarata os quadros técnicos», referindo-se concretamente ao «perigo de morte repentina», a Igreja prevê um rito contínuo dos sacramentos dos enfermos<sup>64</sup> que são a Penitência, a Santa Unção e o Viático, sublinhando que «o Viático é o sacramento da trânsito da vida, função específica que agora, no Ritual, ficou muito mais claramente sublinhada»<sup>65</sup>.

<sup>55</sup> ODPEE, nº 44.

<sup>56</sup> *Ibid.*, nº 53.

<sup>57</sup> *Ibid.*, nº 54.

<sup>58</sup> *Ibid.*, nº 54.

<sup>59</sup> *Ibid.*, nº 55.

<sup>60</sup> *Ibid.*, nº 56.

<sup>61</sup> *Ibid.*, nº 61.

<sup>62</sup> O documento, sublinhando embora que «A santa Unção não é, de nenhum modo, o anúncio da morte quando a medicina nada mais tem a fazer» (67), afirma depois que «a luta pela saúde não esgota o sentido da Unção» (68). Não deixa no entanto de ser curiosa a afirmação seguinte: «a pastoral da Unção deve preparar o enfermo para a sua reintegração na vida ordinária» (69).

<sup>63</sup> ODPEE, nº 65.

<sup>64</sup> *Ibid.*, nº 81.

<sup>65</sup> *Ibid.*, nº 77.

É ainda de salientar a afirmação de que «a comunidade cristã tem obrigações muito concretas para com os seus doentes»<sup>66</sup>. Por isso é preciso «rever uma pastoral [dos doentes] exclusivamente sacramentalista, ... e exclusivamente orientada para o *morrer bem*»<sup>67</sup>.

### 3. Catecismo Americano (1976)

O CAM - *A Mensagem de Cristo* - não contém nem novidades nem originalidade de exposição no que respeita à Unção dos Doentes. Salientar-lhe-ia entretanto alguns aspectos.

Antes de mais, «a dimensão comunitária» da celebração do sacramento, tanto mais que «a doença é uma crise da vida, tanto para o indivíduo como para a comunidade a que ele pertence»<sup>68</sup>.

O Catecismo deixa claro que «o Sacramento dos Moribundos» é o Viático: «A Comunhão recebida pelos moribundos chama-se Viático, 'alimento para a viagem'»<sup>69</sup>. Antes afirmara - citando os Preliminares do Ritual - que «a Unção dos Doentes não se destina a substituir o sacramento da Penitência... (que) deve preceder a Unção»<sup>70</sup> e que «não é sacramento só dos que estão no fim da vida»<sup>71</sup>.

### 4. Carta Pastoral dos Bispos francófonos belgas

Publicada em Outubro de 1977<sup>72</sup> e intitulada *L'onction des malades*, esta breve Carta Pastoral desenvolve fundamentalmente três ideias:

- «Os sacramentos são encontros privilegiados com o Ressuscitado» e, por eles, «Jesus une-se ao homem vivo na totalidade da sua pessoa, corpo e alma»;
- «sofrimento, doença e morte fazem parte da existência. Cristo solidariza-se com toda a provação para a aligeirar»;
- este sacramento exige um enquadramento verdadeiramente comunitário.

<sup>66</sup> *Ibid.*, nº 47a.

<sup>67</sup> *Ibid.*, nº 59.

<sup>68</sup> CAM, p. 509.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 513.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 511.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 508.

<sup>72</sup> Ver *La Documentation Catholique* 75 (1978) 20-22.

### 5. Declaração do Episcopado Alemão: «Mort digne de l'Homme et mort chrétienne»

Em 20 de Novembro de 1978, os bispos alemães publicaram um Declaração<sup>73</sup> em que reflectiram sobre as questões que a *morte digna* e a *morte cristã* colocam à sociedade e à mentalidade modernas.

Referindo-se, em breve apartado, à Unção dos Doentes, o documento deixa bem claro que «O sacramento ... não é um rito de morte...», é um sacramento para os doentes - «a unção dos doentes é a declaração de que o doente aceita a realidade (*da doença*), aqui e agora» -, embora ele tenha «todo o sentido no caso dos doentes e das pessoas fragilizadas pela velhice que sentem que a sua vida está próxima do fim e que procuram uma resposta da fé, longe de sossobrem na resignação ou no desespero»<sup>74</sup>.

### 6. Catecismo italiano publicado em 1981

É relativamente pobre, e breve, a referência que este Catecismo - *Senhor, a quem iremos?* - faz ao sacramento em questão. E pobre, desde logo, o enquadramento humano da doença, embora refira que «o cristão deve tornar-se solidário até ao fim com o irmão que sofre»<sup>75</sup>.

Pelo Sacramento da Unção, «Cristo torna-se solidário com o doente unindo-o ao Seu sofrimento redentor<sup>76</sup> e concedendo-lhe os frutos através da solidariedade da Igreja»<sup>77</sup>. Por isso, «a assistência aos doentes é para a Igreja momento privilegiado de evangelização»<sup>78</sup>. «Um sinal particularmente expressivo desta participação da Igreja é oferecido pelas celebrações comunitárias do sacramento da Unção»<sup>79</sup>.

### 7. Catecismo Alemão, publicado em 1985

O CCA - *Catecismo católico para Adultos* - parece-me, de todos, o que conseguiu uma melhor síntese.

<sup>73</sup> Ver *La Documentation Catholique* 76 (1979) 471-480.

<sup>74</sup> No capítulo seguinte, intitulado «Le Viatique», afirma o documento: «Para o crente, o sacramento do retorno ao Pai não é, segundo a Tradição da Igreja, a unção dos doentes mas o Viático».

<sup>75</sup> *Cl.*, p. 257.

<sup>76</sup> Citando um documento - *Evangelizzazione e sacramenti della penitenza e della Unzione* - do Episcopado italiano, o Catecismo dirá mais adiante: «Pela presença dinâmica do Senhor ressuscitado e do Seu Espírito vivificador, a Unção será o sinal operativo da última e definitiva inserção na Páscoa do Senhor» (p. 260).

<sup>77</sup> *Cl.*, p. 258.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 258.

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. 259.

Partindo de uma breve mas muito clara leitura antropológica da doença (que é «um acontecimento físico-psíquico»<sup>80</sup> e «um sinal de que vivemos num mundo perturbado pelo pecado»<sup>81</sup>), não contém propriamente novidades nem teológicas nem litúrgicas nem pastorais, mas sintetiza todos estes aspectos com uma novidade de expressão notável.

Referindo-se ao modo como, tanto no Antigo como no Novo Testamento, a doença é abordada, é o único a fazer uma constatação bem simples: «no seu discurso sobre o juízo final, (*Jesus*) refere-se à visita aos doentes como uma obra de amor ao próximo»<sup>82</sup>. Ainda que brevemente, faz a história do sacramento ao longo do Tempo da Igreja, lembrando que esta, no que respeita aos doentes, «tentou seguir o exemplo e o mandamento de *Jesus*» e «nunca viu oposição entre cuidado médico e cuidado espiritual». Por isso, «também os médicos ... cumprem de algum modo o mandato de *Cristo*»<sup>83</sup>.

O Sacramento tem e exige uma dimensão comunitária: porque «o doente não está fora da comunidade»<sup>84</sup>. Por isso, ele só pode celebrar-se no contexto de uma celebração litúrgica: «o sacramento da unção dos enfermos tem um *carácter comunitário*, que deve expressar-se celebrativamente»<sup>85</sup>.

A unção faz-se na frente e nas mãos, o que «expressa que o sacramento diz respeito ao doente na sua totalidade, como pessoa que actua e pensa»<sup>86</sup>.

«A unção dos doentes já não forma parte dos 'últimos sacramentos'. (...) O verdadeiro sacramento da hora da morte não é a unção dos enfermos mas a sagrada comunhão na sua autêntica dimensão de viático, pe-nhor da ressurreição»<sup>87</sup>.

A Unção, tal como todos os cinco primeiros sacramentos, «administra-se a todos os cristãos para sua salvação pessoal e para edificação da Igreja»<sup>88</sup>.

<sup>80</sup> CCA, p. 412.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 413.

<sup>82</sup> *Ibid.*, p. 413.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p. 413.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 415.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 417.

<sup>86</sup> *Ibid.*, p. 416.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 418. Com esta afirmação não joga muito bem uma outra, feita aliás anteriormente: «no sacramento da unção dos doentes se consuma o que o Baptismo começou: a identificação com a morte e ressurreição do Senhor. É a consumação não apenas da penitência mas de toda a vida cristã, e também baluarte da vida nova» (CCA, p. 417). De facto, se é *consumativo*, como pode não fazer parte dos 'últimos sacramentos' (CCA, p. 415)?

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 418.

Para além de tudo o mais, é nitidamente pneumatológica a «leitura» que o CCA faz do sacramento. De facto, «a unção do óleo ..., segundo a Sagrada Escritura, é símbolo da unção do Espírito Santo. *Jesus Cristo* é o ungido do Espírito, o *Cristo* por antonomásia. O verdadeiro efeito do sacramento consiste, pois, na assistência do Senhor com a força do Espírito Santo. É o Espírito que sana as feridas do homem velho, que santifica e suscita a nova criatura. O que produz a saúde da alma e, se Deus quiser, também a do corpo, ... limpa as culpas e relíquias do pecado, alivia e fortalece a alma do enfermo, suscitando nele uma grande confiança na misericórdia divina»<sup>89</sup>.

Este Catecismo é ainda o único a citar todos os Concílios ecuménicos que reflectiram sobre o Sacramento, não só Trento e Vaticano II, mas também Niceia (325) e Florença (1324).

## 8. O Catecismo Belga, publicado em 1987

O CB - *Livre de la Foi* - recolhe praticamente toda a reflexão cristã até então adquirida, numa perspectiva antropológica mais rica que qualquer outro.

«O homem não somente *tem* uma doença, ele *está* doente»<sup>90</sup>.

«O sacramento da Unção renova a confiança em Deus, dá força para lutar contra a tentação e confirma o sacramento da reconciliação»<sup>91</sup> e «é para os cristãos atingidos por uma doença que pode levar à morte»<sup>92</sup>.

O CB salienta particularmente o facto de a celebração da Unção começar «por uma aspersion de água abençoada que recorda a do Baptismo»<sup>93</sup>, tal como se prevê no Ritual de 1972<sup>94</sup>.

O sacramento da Unção suscita «o cuidado da comunidade pelo doente e a tomada de consciência do papel do doente na comunidade»<sup>95</sup>. «É de desejar que a família, os amigos e os técnicos de saúde participem nesta celebração», significando assim ao doente «a solidariedade da comunidade cristã». Refere ainda em particular o médico assistente do doente<sup>96</sup>.

<sup>89</sup> *Ibid.*, pp. 416-417.

<sup>90</sup> CB, p. 127.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p. 129.

<sup>92</sup> *Ibid.*, p. 129.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p. 129.

<sup>94</sup> nº 69 e 118.

<sup>95</sup> CB, p. 130.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 129-130.

«Este sacramento dará ao doente a capacidade de enfrentar física e espiritualmente a prova do sofrimento»<sup>97</sup>.

«A unção confere aos doentes uma *missão*: convida-os a unirem-se livremente à paixão de Cristo e a darem um contributo próprio para o bem do Povo de Deus» (citando LG 11)<sup>98</sup>.

Finalmente, «o último sacramento não é a unção dos doentes mas a santa comunhão a que se dá o nome de *viático*, que quer dizer, *provisão para o caminho*»<sup>99</sup>.

## O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

Como obra de síntese que é, o CIC merece uma referência particular. No fundo, esforça-se por recolher toda a reflexão posterior ao Vaticano II.

É na 2ª parte (A celebração do Mistério Cristão), 2ª secção (Os sete Sacramentos da Igreja), 2º capítulo (Os sacramentos da cura), que, no artigo 5º, o «Catecismo da Igreja Católica», em 33 artigos<sup>100</sup>, fala do Sacramento da «Unção dos Enfermos». Pode resumir-se como segue o seu conteúdo.

### 1. Introdução (1499)

Citando LG 11, o Catecismo começa por afirmar que, com a Unção dos doentes e a oração dos presbíteros, a Igreja encomenda o doente ao Senhor sofredor e ressuscitado, animando-o a unir-se assim ao Mistério Pascal de Jesus e a contribuir para o bem do Povo de Deus.

### 2. Fundamentação antropológica e histórico-salvífica do Sacramento (1500-1510)

Antropologicamente, a doença é um dos problemas mais graves da vida do Homem e uma experiência de impotência, limite e finitude. Pode constituir mesmo uma antecâmara da morte (1500) e conduzir à angústia, ao desespero e à revolta. Mas pode ser também ocasião de discernimen-

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 131.

<sup>100</sup> Do 1499 ao 1532 (se bem que os 1524 e 1525 tratem do Viático). Em todo este capítulo citarei, no texto, os números do Catecismo a que aludo.

to do que é essencial na vida, mesmo levar a uma *procura* de Deus, ou possibilitar até um *retorno* a ele (1501).

Já no Antigo Testamento (1502) o Homem lamentava diante de Deus a sua enfermidade e lhe pedia a cura, pelo que a doença lhe era muitas vezes um caminho de conversão. De facto, se ela está misteriosamente vinculada ao pecado e ao mal, pode também levá-lo à descoberta de que é Deus que dá (ou devolve) a vida. O sofrimento pode ter, assim, um sentido redentor. Por isso, já o tempo messiânico era anunciado como isento de toda a enfermidade.

Jesus identificou-se com os doentes e fez suas as misérias do Homem (1503-1504), curando as doenças, embora não gratuitamente: as curas que fazia eram sinais de outras mais radicais sobre o pecado e a morte, anunciadoras da chegada do Reino de Deus. Ia também às causas da doença: por isso perdoava os pecados.

Jesus fez os discípulos participantes do seu ministério de compaixão e de cura (1506) através de sinais que manifestavam que é Deus quem salva (1507). A alguns discípulos em particular, o Espírito concedia mesmo carismas especiais de cura. Mas o doente podia - e pode - ser chamado a algo mais, a completar o que falta ao sofrimento do Corpo de Cristo (1508): de *ministério do sofrimento* se pode falar. Em todo o caso, a Igreja Apostólica conhecia já um rito próprio em favor dos doentes (1510).

### 3. O ministro e o sujeito da Unção dos Doentes

A Igreja acredita e confessa que a Unção dos Doentes é um dos 7 Sacramentos, insinuado<sup>101</sup> já por Marcos, recomendado e promulgado por Tiago (1511) e presente na Tradição do Oriente e do Ocidente. Com o correr dos tempos confundiu-se com «extrema-unção», apesar de a Igreja nunca ter deixado de orar para que o doente recobrasse a saúde (1512).

Recorda-se de seguida a Constituição Apostólica de 1972 que diz que a Unção se administra aos «perigosamente doentes», unguindo-os na frente e nas mãos, com óleo vegetal, e pronunciando a fórmula sacramental (1513).

<sup>101</sup> A versão espanhola 'sub secreto' do Catecismo da Igreja Católica, de 1989, dizia «señalado»; a definitiva optou pelo termo «insinuado» (*insinuatum*), certamente por ter sido o utilizado pelo Concílio de Trento» (DS 1695).

Julgo que fica claro quem são os sujeitos do sacramento: os «perigosamente doentes» (1513)<sup>102</sup>, os que «começam, por doença ou velhice, a estar em perigo de morte» (1514), também os colocados em novo estado de gravidade em relação a uma anterior doença, os caídos em nova enfermidade grave, os que vão ser sujeitos a uma operação melindrosa, e os idosos cujas forças se debilitam (1515).

Depois de afirmar que ministros do Sacramento são bispos e presbíteros (1516), o Catecismo dedica alguma atenção à pastoral do sacramento. Os pastores devem instruir os fiéis de modo que todos ajudem o doente à celebração do sacramento, e este se prepare para ela. A celebração deve ser comunitária, em família, no hospital ou na igreja, e com forma litúrgica. Afirmando que «palavra e sacramento formam um todo inseparável» indicam-se seguidamente as suas partes: acto penitencial, celebração da Palavra, imposição das mãos, epiclese e unção (1518-1519). O ideal será mesmo que a Unção «seja celebrada durante a Eucaristia, memorial da Páscoa do Senhor»<sup>103</sup>. De qualquer modo, «enquanto sacramento da Páscoa de Cristo, a Eucaristia deveria ser sempre o último sacramento da peregrinação terrestre, o viático da passagem para a vida eterna» (1517).

Falando dos efeitos do Sacramento, o CIC afirma que a sua graça primeira, que «é um dom particular do Espírito Santo», é a consolação e a paz dadas ao doente para vencer as dificuldades próprias da doença grave ou da fragilidade da velhice e para sobrepujar a tentação do desalento e da angústia diante da morte, tudo em ordem «à cura da alma, mas também à do corpo, se tal for a vontade de Deus» (1520; ver 1511 e 1513). Por esta mesma graça, «o enfermo recebe a força e o dom de se unir mais intimamente à Paixão de Cristo» (1521).

Mas o sacramento tem também «um graça eclesial». De facto, intercedendo a Igreja pelo doente, este contribui com o seu sofrimento para o bem do Povo de Deus e para a santificação da Igreja (1522, citando LG 11). Esta afirmação constitui mesmo uma certa novidade: sacramento da Igreja que é - por isso deve ser celebrado comunitariamente - ele *interessa* a toda a comunidade. Mas ele é também «preparação para a última passagem», mormente quando se está em presença de uma enfermidade grave (1523).

<sup>102</sup> Há uma diferença grande entre um *doente em perigo de vida* (*perigosamente doente*, como traduz a versão portuguesa do CIC) e um outro *gravemente enfermo*, como traduz a versão castelhana do CIC. Não conheço a versão original, latina, mas acredito que diga *gravemente doentes*.

<sup>103</sup> Mais uma vez se afirma a diferença relativamente à prática pastoral recomendada por Trento: «é necessário observar o costume que a Igreja Católica sempre tem inculado, de ministrar a Penitência e a Eucaristia antes da Extrema-unção» (CP, II, VI, 12, p. 363).

Ele tem ainda, digamos que, efeitos «secundários»<sup>104</sup> ou indirectos: «o perdão dos pecados, se o doente não pode obtê-lo pelo sacramento da penitência, e o restabelecimento da saúde, se tal é conveniente à salvação» (1532).

#### 4. A Unção dos Doentes e a morte do Cristão

Se este Sacramento é para todos os doentes graves (1523; ver 1513), por maioria de razão é para os que estão diante da morte. Nestes casos, a Unção termina a conformação com a Morte e Ressurreição de Cristo que o Baptismo havia começado (1523) e deve ser seguida, se possível, do Viático (1524<sup>105</sup>, citando SC 74). A acontecer assim, pode falar-se dos «Sacramentos que preparam para entrar na Pátria», que são a Penitência, a Santa Unção e a Eucaristia (1525)<sup>106</sup> que fazem como que um contraponto com os sacramentos da Iniciação.

Seja como for, o Catecismo foge já à complicada casuística, atrás referida, em que caíra o Ritual afirmando simplesmente que «se as circunstâncias a tal convidarem, a celebração do Sacramento pode ser precedida da Penitência e seguida da Eucaristia. Enquanto sacramento da Páscoa de Cristo, a Eucaristia deveria ser sempre o último sacramento da peregrinação terrestre, o viático da passagem para a vida eterna»<sup>107</sup>.

\*\*\*

Já depois da publicação do CIC, o cardeal Danneels, Arcebispo de Malines-Bruxelas, publicou duas verdadeiras *meditações* sobre este assunto, que se não podem ignorar<sup>108</sup>.

<sup>104</sup> Ver BOROBIO, Dionisio - Los sacramentos en el 'Catecismo de la Iglesia Católica'. *Phase* 194 (1993) 126.

<sup>105</sup> Este número 1524 não estava na versão provisória 'sub secreto' do Catecismo, de 1989. A sua inclusão parece ser uma concessão que de algum modo confunde. De facto, atenta a afirmação do 1517, pode parecer uma sugestão pastoral na linha da «Extrema Unção».

<sup>106</sup> Já o CP apontava este contraponto mas referindo apenas o Baptismo e a Extrema-unção: «além de lhes abrir (*aos fiéis*) pelo sacramento do baptismo a entrada para a vida eterna e verdadeira, quis ainda (*Deus*) instituir o sacramento da Extrema-unção para que ao saírem desta vida mortal tivessem um caminho mais seguro e curto que os conduzisse ao céu» (II, VI, 1, p. 357).

<sup>107</sup> CIC, 1517.

<sup>108</sup> Carta pastoral «*Dire adieu. Vivre dans la fragilité*» dirigida aos seus diocesanos na Páscoa de 1995, publicada in *La Documentation Catholique* 92 (1995) 481-496 (com um subtítulo «*L'onction des malades*», na p. 493); e o artigo «*L'onction des malades*» publicado in *La Documentation Catholique* 94 (1997) 982-986.

Arrancando de uma noção englobante e antropológicamente bem fundamentada do conceito de doença - uma ruptura de ordem física e psicológica, com o próprio ambiente próprio, natural e normal, e mesmo com Deus (porquê?, porquê eu?, porquê agora?) -, ambas as meditações referem que o sacramento da unção dos enfermos visa o restabelecimento desse equilíbrio perdido, no que diz respeito ao próprio corpo - muitas vezes já diminuído e estropeado -, ao mundo das relações pessoais, familiares e outras, à vida, à questão da morte e ao próprio Deus, e até a todos os *porquês* formulados no tempo da crise que a doença acaba sempre por ser.

O sacramento deve por isso ser celebrado quando alguém se encontra numa situação de profunda desestabilização, doença grave ou estado de fragilidade acentuada. Ele deve ter sempre uma dimensão claramente comunitária e não pode separar-se nunca nem dos mais cuidados médicos nem do conjunto da pastoral dos doentes.

### OBSERVAÇÕES FINAIS

1. A mais recente reflexão teológico-pastoral sobre o sacramento da Unção arranca, toda ela, de um mais capaz enquadramento antropológico da doença e da velhice.

A doença é um lugar importante da vida do homem, um estado de ruptura física e psicológica com todo o meio que o rodeia mas também o tempo de uma funda experiência humana e mesmo religiosa <sup>109</sup>. E tanto a doença como a Terceira Idade colocam inevitavelmente o homem diante de questão da limitação e do fim.

Só que, hoje, doença e velhice vivem-se num quadro muito diferente do de ontem, hospitalar e técnico muitas vezes, com vantagens e desvantagens de todos mais ou menos conhecidas. Os doentes entregam-se aos cuidados médicos e os idosos são normalmente retirados dos seus meios familiares e sociais normais. Uns e outros rapidamente se transformam em peso esquecido. E, de facto, hoje morre-se maioritariamente no hospital. Longe vai o tempo das agonias solenes e adivinhadas à Tomé da Póvoa, *fidalgo da Casa Mourisca*, quando o fim biológico se preanunciava e a morte sobrevinha *naturalmente* como um momento esperado e supremo, o que

<sup>109</sup> Como não recordar a reflexão de BAUM, Gregory - *La enfermedad y el silencio de Dios. Concilium* 242 (1992) 67-76?

dava lugar a uma verdadeira liturgia, familiar e por vezes comunitária, hoje de todo impossível no anonimato de um hospital, aprisionado o paciente por tubos, máquinas e outros cuidados médicos. Na maior parte dos casos, nos hospitais, o doente quase deixa de ser pessoa, terminada ou impedida a sua capacidade de relação.

Por tudo isto é de salientar o enquadramento antropológico que toda a reflexão sobre o sacramento da Unção faz sobre a doença e sobre a velhice, aquela, experiência de ruptura e limitação, esta, da iminência do fim.

2. É de salientar, portanto, o facto de o actual Ritual se dizer da *Unção dos Doentes* mas também da *Pastoral dos doentes*. A par do justo relevo que dá a «todos os meios de prolongar a longevidade biológica», ele salienta devidamente, no nº 32, «a dedicação pelos doentes» de que deve dar provas a Caridade pastoral da Igreja. O «estava doente e fostes visitar-me» (Mt 25, 36) é hoje tanto mais necessário quanto, cada vez mais o ambulatório hospitalar dos doentes graves e terminais os desenquadra familiar e comunitariamente em momento tão importante da vida como é a morte. Por isso mesmo, na Oração Eucarística I para as missas com crianças, se pede «por todos os que sofrem e andam tristes».

3. Neste contexto, o sacramento da Unção não pode continuar a ser entendido como o sacramento dos moribundos mas dos que «começam, por doença ou por velhice, a estar em perigo de vida» (CIC, 1514).

Hoje em dia, é muito difícil determinar este momento. Porque a técnica médica - permita-se-me a expressão - conhece possibilidades e recursos que lhe permitem prolongar a vida biológica muito para lá do impensável há bem pouco tempo. Hoje não se morre como ontem, exceptuado o caso de um acidente.

Qual é portanto o momento justo para a celebração do sacramento da Unção? O meu amigo Gaspar ainda pôde formular a tempo: «Numa altura em que a evolução da doença ainda me permite uma participação em pleno». Mas, até que isto se torne possível, vai ser necessária uma grande atenção pastoral e uma séria catequese a levar a cabo na maior parte ou na quase totalidade das nossas comunidades.

4. A celebração do sacramento da Unção deve ter, quanto possível e sempre que possível, forma litúrgica e, por isso mesmo, comunitária, como referem os mais variados documentos, seja no contexto de uma celebração eucarística, dominical ou doméstica, seja na casa do doente ou no hos-

pital. Não se trata de um rito furtivo, apressado e excêntrico, embora por vezes a urgência da sua celebração, sobretudo em caso de acidente, possa levar a uma celebração imprevista ou improvisada. Em casos normais, no Sacramento da Unção dos Doentes é também uma comunidade que expressa a sua fé rodeando um irmão colocado diante de uma situação em que a sua vida corre perigo ou mesmo diante da inevitabilidade da morte.

5. Repito mais uma vez que hoje se morre de modo muito diferente do que antigamente sucedia. Então, no término de uma doença grave ou de uma vida longa, percebia-se a morte próxima e inevitável. E a medicina pouco podia fazer. Hoje, muita coisa mudou. Mas, se a vida pode ser prolongada, a sua qualidade acaba muitas vezes diminuída.

A este propósito, o «rito contínuo» proposto pelo Ritual da Unção (números 30 e 31) aparece, na maior parte dos casos, como resquício de um tempo que passou. Hoje em dia, não tendo podido celebrar-se o sacramento em tempo devido e com a requerida dignidade litúrgica e comunitária, tanto a Unção como muitas vezes o Viático, tornam-se impossíveis na prática, entregue já o moribundo aos hospitalares «cuidados intensivos» ou mesmo «de ressuscitação», em muitos casos ou quase sempre em estado de inconsciência e de coma. E o mesmo se diga dos muitos acidentados que chegam constantemente às Urgências dos hospitais.

No entanto, não se pode esquecer nunca que «a situação de referência [do Sacramento] não é nem um moribundo nem um acidentado inconsciente, mas sim um doente consciente e crente»<sup>110</sup>.

6. Tudo isto exige da caridade pastoral das comunidades uma grande atenção para com os doentes. Um doente não deixa de ser um membro da comunidade humana e cristã e é para ela um especial *sacramento* de Cristo sofredor, a quem «compete ... não só despertar nos outros, com o seu testemunho, a lembrança das coisas essenciais mas também mostrar que a vida mortal dos homens deve ser salva pelo mistério da morte e ressurreição de Cristo» (*Preliminares do Ritual*, nº 3). E, com a sua solicitude, também a comunidade cumprirá «a palavra de Cristo que mandou visitar os doentes, como se dissesse que se lhe confia o homem todo para o ajudar corporal e espiritualmente» (*Id.*, 4).

ARLINDO CUNHA

### SIGLAS UTILIZADAS

- CAm** (Catecismo Americano) - *A Mensagem de Cristo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1981 (tradução portuguesa feita a partir da 5ª edição americana; a 1ª fora publicada em 1976)
- CB** (Catecismo Belga) - *Le Livre de la foi*. Bruxelas: Desclée, 1987
- CCA** (Catecismo alemão) - *Catecismo Católico para Adultos: La fe de la Iglesia*. Madrid: BAC, 1990 (1ª edição alemã de 1985)
- CH** (Catecismo holandês) - *Une introduction a la foi catholique*. Paris: Idoc-France, 1968
- CI** (Catecismo italiano) - *Senhor, a quem iremos?*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1985
- CIC** - *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993
- CP** - *Catecismo para os Párochos segundo o decreto do Concílio de Trento*. Porto: José Frutuoso da Fonseca & Filhos, 1906 (publicado pela primeira vez pelo Papa Pio V)
- D** - DENZINGER, H.; SCHÖNMETZGER, A. - *El magisterio de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1963
- DS** - DENZINGER, H.; SCHÖNMETZGER, A. - *Enchiridion Symbolorum*. Barcinone: Herder, 1963
- ODPEE** - COMISIÓN EPISCOPAL ESPAÑOLA DE LITURGIA - *Orientaciones doctrinales y pastorales del Episcopado español*. In *Ritual de la Unción y de la Pastoral de enfermos*. 1992
- PRUPD** - CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - «Preliminares» do *Ritual da Unção e Pastoral dos Doentes*. 1994
- RUPD** - CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - *Ritual da Unção e Pastoral dos Doentes*. 1994
- SC** - IGREJA CATÓLICA. II Concílio Ecuménico do Vaticano (1962-1965) - *Constituição Sacrosanctum Concilium*

<sup>110</sup> BOROBIO - *Unción de los Enfermos*, p. 707.